

A partir, de dentro e entre o Sul: a cooperação entre Índia, Brasil e África do Sul*¹

Desde, en y entre el Sur: cooperación entre India, Brasil y Sudáfrica

Johannes Maerk²
Heinz Nissel³

Resumo

Durante décadas houve relações desiguais e unilaterais entre o chamado “Primeiro Mundo” e o “Terceiro Mundo”. Os doadores determinaram as condições para a oferta de ajuda aos “parentes pobres” do Sul. Nem organizações como a ONU ou o Grupo dos 77 (o Movimento dos países não alinhados) que, atualmente, conta com mais de cem membros, puderam mudar esta situação de forma substancial. Entretanto, com o fim da Guerra Fria e a queda do muro de Berlim, a situação geopolítica mundial mudou profundamente. A nova ordem internacional se caracteriza cada vez mais por um sistema multipolar a partir do qual, pouco a pouco e ininterruptamente, o predomínio das velhas forças do Ocidente (ou seja, do Norte) se vê questionado continuamente pela emergência dos países que outrora estavam em vias de desenvolvimento.

Palavras-chave: IBAS. Cooperação sul-sul. Sistema multipolar.

Resumen

Durante décadas hubo relaciones desiguales y unilaterales entre el llamado “Primer Mundo” “y el “Tercer Mundo”. Los donantes determinaron las condiciones para la prestación de ayuda a “los parientes pobres” del Sur. Ni organizaciones como la ONU o el Grupo de los 77 (el movimiento de Países No Alineados) que hoy en día cuenta con más de cien miembros podían cambiar esta situación sustancialmente. Con el fin de la Guerra Fría y la caída del muro de Berlín, sin embargo, la situación geopolítica mundial ha cambiado fundamentalmente. El nuevo orden internacional se caracteriza cada vez más por un sistema multipolar en el que poco a poco pero sin pausa, el predominio de las viejas fuerzas de Occidente (o sea del Norte) se ve cuestionado cada día más por la emergencia de los países anteriormente en vias de desarrollo.

Palabras-clave: IBSA. Cooperación sur-sur. Sistema multipolar.

As novas geometrias do poder mundial se descrevem com siglas como BASIC (Brasil, África do Sul, Índia e China), BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) e IBAS (Índia, Brasil e África do Sul). (ASH, 2010)

* Recebido em: 27/08/2015.
Aprovado em: 05/11/2015.

¹ Traduzido do Espanhol por Fernando Carneiro de Paiva. Revisora de tradução: Renata de Melo Rosa

² Doutor em Filosofia Política pela Universidade de Innsbruck. Professor-investigador licenciado da Universidade de Quintana Roo, México e diretor do Instituto Ideaz, Viena, Áustria. E-mail: johannes.maerk@ideaz-institute.com

³ Doutor em Geografia pela Universidade de Viena e Professor de Geografia na Universidade de Viena. Professor Visitante na Índia. E-mail: heinz.nissel@univie.ac.at.

1 Introdução

Durante décadas houve relações desiguais e unilaterais entre o chamado “Primeiro Mundo” e o “Terceiro Mundo”. Os doadores determinaram as condições para a prestação de ajuda aos “parentes pobres” do Sul. Nem organizações como a ONU ou o Grupo dos 77 (o movimento dos Países Não alinhados) que atualmente conta com mais de cem membros podiam mudar esta situação substancialmente. Com o fim da Guerra Fria e a queda do muro de Berlim, entretanto, a situação geopolítica mundial mudou substantivamente. A nova ordem internacional passou a se caracterizar cada vez mais por um sistema multipolar por meio do qual, pouco a pouco e continuamente, o predomínio das velhas forças do Ocidente (ou seja, do Norte) se vê questionado cada vez mais pela emergência de países anteriormente em vias de desenvolvimento.

Durante as duas últimas décadas apareceram novas formas e possibilidades de cooperação Sul-Sul. Elas se intensificaram, se aprofundaram e foram ancoradas em novos marcos institucionais. O mais conhecido destes novos formatos é o chamado BRICS, que representa a cooperação entre Brasil, Rússia, Índia, China e, desde abril de 2011, África do Sul. O termo foi cunhado em 2001 pelo analista Jim O’Neil em um trabalho intitulado *Building Better Global Economic BRICs* (O’NEIL, 2001). À parte dos BRICS, existe outra plataforma de cooperação e diálogo entre os principais países emergentes e provavelmente futuras superpotências – o fórum de diálogo IBAS (Índia, Brasil e África do Sul). Estes três países se auto-concebem como os guardiões da democracia (liberal), dos direitos humanos e de uma economia de livre mercado. Cada um dos países com uma grande e jovem população e com uma grande diversidade cultural e étnica. Geopoliticamente, representam as principais potências em suas respectivas regiões do mundo – no sul da Ásia (Índia), na América do Sul (Brasil) e na África subsaariana (África do Sul).

Além do IBAS, existe uma série de organizações regionais na África, Ásia e América Latina, como a União Africana (UA), Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), a Associação da Ásia Meridional para a Cooperação Regional (SAARC), o Mercado Comum do MERCOSUL, assim como organizações muito menos conhecidas, como, por exemplo, a Associação da Bacia do Oceano Índico para a Cooperação Regional (IOR-ARC)

ou a Iniciativa de Cooperação de Mekong-Ganga (MGC). Interconexões intercontinentais proporcionam ao fórum de cooperação América do Sul-África (ASA) o a Cúpula América do Sul - Países Árabes (ASPA). Estas diversas cooperações Sul-Sul começam normalmente por razões econômicas para depois ampliarem seu enfoque para o apoio mútuo e complementar na produção e no consumo, intercâmbio de recursos, cooperação tecnológica e científica para assim criar uma situação de ganho recíproco (*win-win situation*) através das sinergias entre as economias do Sul. Este novo eixo está esmagadoramente positivamente julgado, inclusive por especialistas do Banco Mundial e da OMC. Os críticos, entretanto, veem o aumento da cooperação Sul-Sul como uma cópia das relações Norte-Sul, quando Brasil, Índia e especialmente a China impõem ao estilo do norte suas condições como novas potências emergentes aos países em desenvolvimento. A competição entre estes três países por recursos e por mercados na África parece confirmar esta hipótese.

Este ensaio se foca no Fórum de Diálogo IBAS entre Índia, Brasil e África do Sul, cuja viabilidade está experimentando avaliações controversas⁴. Enquanto alguns preveem a morte lenta e paulatina desta organização devido a sua integração ao grupo dos BRICS, outros veem um futuro brilhante para o IBAS devido aos seus valores compartilhados (como a forma multipartidária de governo, a inclusão multicultural, o enfoque em mecanismos de livre mercado). Em contraste, o único denominador comum com os BRICS (devido às diferenças fundamentais entre seus membros) é a sua contraposição à hegemonia do Ocidente.

Neste ensaio queremos nos focar na organização IBAS porque ela tem recebido pouca atenção por parte da academia tanto no Sul como no Norte⁵. Analisaremos a história e o estado atual do IBAS, assim como o Fundo IBAS como instrumento chave de cooperação Sul-Sul. Outro elemento a ser analisado é a controversa relação entre o IBAS e os BRICS. A última parte do ensaio se dedica ao futuro da cooperação trilateral, assim como aos futuros cenários geopolíticos globais.

⁴ Uma análise em espanhol do IBAS se encontra no site do think tank (GRATIUS, 2008).

⁵ Entre os poucos acadêmicos que se dedicam de maneira sistemática ao tema do IBAS se encontra o colega Oliver Stuenkel quem mantém o blog *Postwestern World*. Disponível em: <<http://www.postwesternworld.com/language/portugues/>>.

2 História da organização

Em junho de 2003, puderam participar da Conferência do G8 (Rússia, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Alemanha, Reino Unido e Japão) os três chefes de governo da Índia, Brasil e África do Sul - Atal Bihari Vajpayee, Luiz Inácio Lula da Silva e Thabo Mbeki, apenas simbolicamente na qualidade de observadores. Esta posição de segunda classe os fez sentir (com razão) como uma piada, como expressa em um comentário do ex-presidente Lula: “De pouco serve ser convidado para a sobremesa no banquete dos poderosos.” E o ex-presidente sul-africano, Thabo Mbeki, respaldou a observação de Lula: “Temos o mesmo pensamento, de que não podemos manter a situação a qual, como você disse (Lula), somos convidados à sobremesa e perdemos o prato principal. Sem dúvida, é uma questão que vamos nos comprometer, para ver como faremos. É uma questão muito importante.”⁶

Apenas três dias depois, os então secretários de Relações Exteriores desses países - Yashwant Sinha, Celso Amorim e Nkosazana Dlamini-Zuma - reuniram-se em Brasília, um encontro que eles mesmos descreveram como um encontro pioneiro. O resultado foi a chamada “Declaração de Brasília”, que estabeleceu o Fórum de Diálogo IBAS formalmente. Nesta declaração já foram definidos os temas centrais que irão desempenhar um papel fundamental em todas as cimeiras futuras do IBAS: trata-se de impulsionar uma reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, exigindo assentos permanentes nesse conselho - sem sucesso até agora, devido à resistência da China e da Rússia. Um segundo ponto chave da Declaração sublinha a importância da cooperação trilateral para o desenvolvimento social e econômico dos três parceiros.

A princípio, os meios de comunicação nos Estados Unidos e Europa não tomaram muito em conta esta declaração e muito menos reconheceram seu grande potencial. A pouca visibilidade nos meios de comunicação tem a ver com a estrutura organizativa flexível sem Secretaria Central ou um escritório permanente em uma das cidades capitais. Altos funcionários se reúnem uma vez por ano em diferentes lugares para preparação das reuniões de ministros ou chefes de governo estrangeiros

(os chamados “pontos focais”). A reunião de ministros de Relações Exteriores se realiza uma vez por ano. Os ministros de Relações Exteriores conferem entre si antes da Assembleia Geral das Nações Unidas. Assim, não existe uma estrutura formal, mas ao invés disso há reuniões informais e estruturadas por setores como a cooperação das instituições científicas, as empresas líderes e de seus representantes e as organizações da sociedade civil.

O humilde começo dos objetivos do acordo do Foro tem se tornado cada vez mais sofisticado nos últimos anos. A Declaração de Brasília menciona que “os três países com democracias vibrantes em três regiões do mundo em desenvolvimento decidiram intensificar ainda mais o diálogo a todos os níveis, de modo a organizar reuniões de experts e altos funcionários responsáveis por assuntos de interesse mútuo”. Um pouco mais tarde foi esclarecido e ampliado a esses requisitos: na declaração conjunta dos três Ministros das Relações Exteriores de 2004 afirmava que o IBAS serviria “para avançar o desenvolvimento humano, mediante a promoção de sinergias potenciais entre os membros”. Na reunião de Chefes de governo de 2006, o foco estava em uma “ordem mundial justa e equitativa” e a Cúpula de 2011 que já se declarou uma “nova ordem mundial”.

As cúpulas tocaram em muitas áreas temáticas diferentes - mudança climática, política comercial, política nuclear ou a intervenção militar - e não podem se considerar só como meras declarações de palavra. O IBAS tornou-se nos doze anos da sua existência uma plataforma versátil para o intercâmbio entre os três mercados emergentes, o que lhes permitiu abordar um vasto leque de posições e decisões econômicas, sociais e, sobretudo, políticas.

3 As atividades do IBAS

Na primeira década de sua existência, o IBAS desenvolveu uma variedade de atividades.

Comunicados foram publicados sob a forma de declarações e se criaram um enxame de grupos de trabalho em praticamente todas as dimensões possíveis de cooperação. De acordo com o website do IBAS, há quatro dimensões destas atividades:

1. Coordenação política
2. Cooperação por setores
3. O Fundo IBAS
4. “Foros *People-to-People*” (atividades em assuntos da sociedade civil)

⁶ O site se encontra em: <http://www.eluniversal.com/2007/10/17/int_ava_lula-pide-voz-para-e_17A1134277>.

O Fórum IBAS desde a sua criação tem levado a uma cada vez melhor coordenação das políticas entre os parceiros. Isto é verdade não só para os mais altos níveis de governo e os ministérios das Relações Exteriores, da Fazenda e da Defesa que desenvolvem uma linha conjunta sobre questões globais (como as Nações Unidas). Representantes do IBAS também participam de uma variedade de outros fóruns como o Conselho de Direitos Humanos, a OMC, o Tratado da Antártida e a conferência para a Restauração da Palestina. IBAS realizou um festival de música e dança em Salvador - Brasil e também uma versão coreográfica do Mahabharata indiano. Claro que temos de fazer a pergunta: até que ponto aqui um fio condutor de tantas atividades? No entanto, as reuniões periódicas de altos funcionários e o desenvolvimento de posições comuns contra o "resto do mundo" representam uma conquista importante para esse grupo relativamente jovem.

Busca-se a cooperação entre os setores nas seguintes áreas: agricultura, cultura, defesa, educação, energia, meio ambiente, saúde, habitação, transporte e infraestrutura, administração pública, finanças (especialmente a política fiscal), ciência e tecnologia, desenvolvimento social e comércio, assim como o turismo. A coordenação e execução dos projetos estão nas mãos de altos funcionários dos respectivos ministérios.

Em geral, em cada sector um país assume a liderança em uma agenda. Por exemplo, a Índia assumiu a responsabilidade pela educação e distribui tarefas da seguinte forma: a Índia se ocupa da educação em geral com foco na igualdade de gênero, o Brasil optou pelo ensino superior e profissional e África do Sul pela educação "aberta" e ensino à distância. No campo da ciência e tecnologia, a Índia está concentrada na pesquisa sobre HIV-AIDS e nano-tecnologia, o Brasil no controle da malária e oceanografia, a África do Sul na investigação da tuberculose e biotecnologia. Os líderes desses grupos organizam-se em conferências conjuntas.

O Fundo IBAS (seu nome completo em Inglês é: India, Brazil and South Africa Facility for Poverty and Hunger Alleviation) foi criado em 2004 para levar a cabo projetos de desenvolvimento, não só nos três países parceiros, mas também em países menos desenvolvidos (PMD). O objetivo é a implementação de projetos em consonância com o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio (ODM) das Nações Unidas. Ainda que o Fundo disponha de apenas um milhão de dólares por país e

por ano, ele exerce um impacto efetivo sobre os pequenos países em desenvolvimento. Assim, vários projetos nas áreas de agricultura, energia e saúde podiam se realizar. No primeiro plano está o fortalecimento das capacidades dos líderes locais (*leadership training*). O fundo é um elemento fundamental da cooperação Sul-Sul e pretende não reproduzir as desiguais relações Norte-Sul na cooperação para o desenvolvimento. Os projetos do IBAS levam-se a cabo em colaboração com as Nações Unidas (com a Unidade Especial de Cooperação Sul-Sul, bem como com organizações governamentais e não-governamentais nos países envolvidos). Em 2012, o Fundo IBAS foi agraciado com o prêmio *South-South and Triangular Cooperation Champions Award*, em 2010 com o prêmio *Millennium Development Goal (MDG) Award* e em 2006 com o prêmio *United Nations South-South Partnership Award*⁷. O fundo gastou até agora cerca de 27 milhões de dólares em cerca de vinte projetos em treze países do Sul Global. Por exemplo, projetos de saneamento no Haiti, capacitação dos agricultores na Guiné-Bissau, um centro cultural e um hospital em Gaza - Palestina, bem como um centro para a prevenção da AIDS no Burundi (DEEN, 2011a).

O quarto campo de cooperação consiste nos chamados fóruns *people to people* (encontros de pessoas para as pessoas), ou seja, comissões de experts, cidadãos preocupados, ativistas de base da sociedade civil, cientistas de diferentes disciplinas, especialistas, parlamentares, fóruns de editores e fóruns de mulheres, etc.

Se se compara as diversas atividades e a estrutura organizacional do IBAS é uma organização flexível em contraste com a ONU, a OMC ou outros fóruns internacionais. Isto pode ser visto tanto benéfico quanto desvantajoso. Faltam normas e regras obrigatórias e a diversidade de temas e projetos pode resultar na diluição das diretrizes e competências. O IBAS tenta cumprir duas tarefas ao mesmo tempo: formar uma aliança para fortalecer tanto a posição comum das três economias emergentes nas instituições globais (diplomacia trilateral), assim como criar uma plataforma para a cooperação Sul-Sul como um todo, tanto para os países emergentes e os países em desenvolvimento.

⁷ Esta informação vem do seguinte site: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7496:foro-de-dialogo-india-brasil-y-sudafrica-ibas&catid=170&lang=es-ES&Itemid=436>.

Um ponto chave será a resposta à pergunta: em que medida IBAS e BRICS competem ou se complementam?

Em vez de uma grande celebração do décimo aniversário do IBAS, cancelou-se a sexta Cúpula dos Chefes de Governo em maio de 2013, em Nova Deli. A explicação oficial foi que houve problemas com a coordenação da data da reunião. No fundo suspeitava-se de outras razões - não era o mesmo ano que já tinham uma reunião na 68ª Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York? No entanto, a reunião de Nova Iorque foi ao mesmo tempo também um encontro dos membros dos BRICS. Assim, surgiram especulações de que o IBAS já entrou na sua fase final e que o IBAS vai se integrar plenamente aos BRICS.

Visto de perto, os BRICS têm um peso muito maior que o IBAS. Suas cúpulas realizaram-se regularmente - 2013 na África do Sul e no Brasil em 2014. Além disso, é notável que se sobrepõem entre o IBAS e os BRICS os níveis de diálogo, os temas e os participantes (como os funcionários de alto nível que vêm dos mesmos ministérios e níveis setoriais). Enquanto o peso político do IBAS parece ser mais fraco, há um maior interesse entre as organizações da sociedade civil. Isto se deve à abordagem explicitamente democrática que os três países querem dar às suas ações em contraste com os demais membros do BRICS China e Rússia. China e Índia estão competindo não apenas pelo poder na Ásia, mas também na África. China - não só por razões altruístas - incentivou a entrada da África do Sul no BRIC para estender a organização a BRICS. Um dos objetivos era enfraquecer o fórum de diálogo IBAS no qual a China não está representada. A Índia entendeu este movimento pela diplomacia chinesa: assim, o primeiro presidente indiano Manmohan Singh formulou no ano de 2010: "O IBAS tem personalidade própria. Reúne três continentes separados, três democracias. Os BRIC é um conceito projetado por Goldman Sachs ao que estamos tratando de lhe dar vida." (BOSCH, 2011)

A grande tradição da Índia como o país líder do movimento dos Países Não-Alinhados, sob a liderança do falecido presidente Nehru e os interesses geoestratégicos do país são contrários aos da China (por exemplo, no Oceano Índico). Além dessa influência geopolítica tangível, Índia enfatiza a importância da democracia (entendida como sistema pluralista de partidos) e o respeito dos direitos humanos. Enquanto a Índia e os outros membros do IBAS clamam por um assento permanente no Conse-

lho de Segurança da ONU, China e Rússia continuam a fazer todo o possível para evitar exatamente isso.

Os esforços do IBAS de se envolver com uma só voz no mundo político global não têm sido muito bem-sucedidos. Isso é claramente evidenciado na visita falhou de uma delegação de IBAS ao presidente sírio, Bashar Al-Assad em agosto de 2011 (DEEN, 2011b), a declaração de pouco sucesso sobre o conflito em Gaza em novembro de 2012 as diferentes ações no âmbito da Comissão de Direitos Humanos da ONU. Além disso, como já mencionado, os esforços conjuntos para obter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU têm sido até agora sem êxito. Embora o Fundo IBAS tenha avaliações positivas por todos os lados, mas dispõe de poucos recursos e tem pouca transparência na seleção, implementação e avaliação de projetos (LECHINI, 2007).

Em geral, parece que o IBAS e BRICS têm diferentes prioridades em suas agendas e cobrem áreas complementares no âmbito internacional. O lema do grupo IBAS é "Desenvolvimento e Democracia", onde ambos os elementos estão inextricavelmente unidos. Entre eles mesmos, os três membros querem manter um modelo de desenvolvimento comum no que os valores democráticos estão associados com a participação social e a ação política com a defesa dos direitos humanos. Isso, os dois sócios vêm como elemento distintivo em comparação com os outros dois sócios autocráticos Rússia e China. Enquanto os BRICS estão mais envolvidos na nova ponderação da política internacional entre o Norte e Sul (sob o slogan "O Ocidente contra o resto"), o IBAS tem seu foco na melhoria do diálogo Sul-Sul, talvez até liderá-lo. Assim, o IBAS poderia desempenhar um papel de liderança internacional com a introdução de novos pontos de vista e a resolução criativa de conflitos entre os próprios países em desenvolvimento - junto com ou incluso para mais além dos complicados mecanismos da ONU. Para isso, seria necessário, no entanto, que a Índia, Brasil e África do Sul apliquem seriamente os altos princípios morais, tais como agendas socioeconômicas no interior, que logo qualificam como um "modelo a seguir" para um mundo melhor (FERNANDES, 2012).

4 As relações comerciais dos três parceiros

Na introdução já sinalamos que as diversas variantes da cooperação Sul-Sul, inicialmente serviam para a expansão quantitativa e compactação qualitativa das re-

lações comerciais entre os próprios parceiros, enquanto a dimensão política só posteriormente irá desempenhar um papel cada vez mais importante nos contatos mútuos. Ideológica, política e socioeconomicamente os membros do IBAS são mais homogêneos do que os BRICS. Portanto, há boas condições para o desenvolvimento de um grande número de posições comuns e de implementações específicas em muitas áreas de interesses econômicos e políticos globais (tais como as questões de segurança, cooperação técnica e projetos de desenvolvimento). Enquanto as metas alcance global até agora têm sido mantidas a um nível mínimo, houve sim progressos na cooperação trilateral. Aparte de um Fórum Empresarial BRIC/IBAS comum de 2010, tem havido muita pouca sobreposição dos programas de trabalho de ambos os grupos. Os BRIC(S) têm ignorado em grande medida o trabalho do IBAS.

Uma história de sucesso é, sem dúvida, a intensificação das relações comerciais intra-IBAS. Até o início da década de 1980, os três parceiros tinham protegido as suas economias por meio do modelo de *industrialização por substituição de importações* (PÉREZ, 1996), depois, começou uma abertura externa sob as regras do GATT. Na década anterior à fundação do IBAS (1993-2002) aumentaram (começando com um nível muito modesto) importações entre os países do IBAS na média anual de 23,4%, mas um total de apenas 7,4%. Quanto às exportações, a proporção era de 17,5% para 5,4%. Dois fatos devem ser considerados: as importações foram sempre superiores às exportações e o comércio trilateral ainda se move em um nível baixo - das importações do 0,8% a 2,9% do total do comércio, a exportação de 0,7% a 1,8%. Em valores absolutos das importações totais apresentaram um aumento de 69 milhões a 130 milhões de dólares, as importações entre os três parceiros de 568 milhões para 3,77 bilhões de dólares (WOOLFEY, 2013). O copo está meio cheio ou meio vazio? Na relação trilateral existe um progresso significativo, no entanto, no contexto da economia global segue sendo marginal.

Após a criação do Fórum IBAS cresceu - ao longo da próxima década (2003-2012) - a importação trilateral em torno de 23% ao ano, por isso foi apenas pelo o que era ligeiramente maior do que o crescimento global de 20%, foi maior o aumento das exportações (27% contra 16%). Portanto, o intercâmbio trilateral seguiu sendo modesto: a proporção das importações totais aumentou de 2,6% para 3,1%, enquanto as exportações de 1,6% para

3,7% em 2012. Assim que em 2012 representavam o comércio da Índia com o Brasil e África do Sul apenas 3,8% do volume total do comércio, o de Brasil, África do Sul e Índia, apenas 3%. Na África do Sul, em 2012, o comércio com a Índia e o Brasil foi algo mais significativo com 6,7% do volume total do comércio (SOULE-KOHNDU, 2013, p. 11).

As relações comerciais entre os três países mantiveram-se em termos absolutos em 2008 com 8,8 bilhões de dólares, ainda que abaixo do volume esperado de 10 bilhões de dólares, mas em 2010 excederam \$ 15,9 bilhões o objetivo previsto de 15 bilhões. Para 2015, espera-se 25 bilhões de dólares. Este desenvolvimento também poderia se atribuir aos efeitos positivos das atividades do Fórum IBAS.

No entanto, um aumento muito mais dinâmico que o intercâmbio comercial entre os parceiros IBAS foi o comércio tanto em sua totalidade como para cada membro individual com a China. Entre 2003 e 2012, as importações procedentes da China aumentaram 5,2% de participação para 12,6% e as exportações de 4,8% para 9,5%. Sem acordo formal, o comércio com a China desenvolveu-se significativamente melhor. Ao mesmo tempo, as importações diminuíram com parceiros tradicionais, com a UE de 27,2% para 16,1%, com os Estados Unidos de 11,5% para 7,9%, com o Japão de 4,7% para 3,1%. As exportações também têm esse padrão: a UE de 25,9% para 18,5%, os EUA de 18,7% para 11,5% e Japão de 4,1% para 3,2%. No entanto, ainda assim os parceiros comerciais do Primeiro Mundo são muito mais importantes do que o intercâmbio trilateral ou o total da cooperação Sul-Sul. E a medida que as atividades do IBAS estão envolvidos nessas trocas não são claramente discerníveis nos dados financeiros. No entanto, há avanços na política econômica global: assim, por exemplo, a Índia e o Brasil se uniram para a importante e prestigiosa Rodada Doha em 2008 e apresentaram-se como porta-voz do “Terceiro Mundo”. Para os três países, a China tornou-se o maior parceiro comercial: as exportações brasileiras para a China, por exemplo, em 2000, ascenderam a alguns bilhões de dólares, e em 2013 essas exportações totalizaram 46 bilhões de dólares (também em 2012 batendo as exportações brasileiras para os EUA). Em contraste, as exportações brasileiras para a África do Sul (1,8 milhões) ou para a Índia (1,3 bilhões de dólares) são modestos. Os três parceiros têm de concordar com outros países da região com a qual eles cooperam em outros acordos comerciais e aduaneiros (por exemplo, do MERCOSUL, SACO, etc.).

Assim, não são apenas parceiros, mas também concorrentes. Portanto, os setores importantes de exportação, tais como produtos agrícolas ou a indústria automotiva estão isentas dos acordos por razões protecionistas. O que falta é a vontade política para ultrapassar os obstáculos internos a favor da ação conjunta a nível mundial. Mas talvez, os verdadeiros obstáculos ao comércio tem-se que buscar em outras áreas completamente diferentes – em diferentes práticas econômicas e culturais, redes de transporte subdesenvolvidas, bem como a similaridade dos produtos (consequentemente, a uma menor capacidade de intercâmbio da economia). Para ilustrar apenas uma das razões: as longas distâncias de transporte encarecem o comércio entre a Índia e o Brasil em 12 por cento, e entre a África do Sul e a Índia em 10 por cento (DANGLIN, 2011).

A cooperação trilateral está sendo ofuscada pela recente cúpula dos BRICS em Fortaleza, Brasil, de 15 a 16 de julho de 2014. Depois de anos de conflito, a cúpula foi bem sucedida na criação de um banco de desenvolvimento (com um capital de 50 bilhões de dólares e um volume de financiamento de 100 bilhões de dólares) e um Fundo Monetário alternativo⁸.

5 Conclusões

O Fórum de Diálogo IBAS desde 2003 tornou-se uma das criações mais notáveis da política internacional, na primeira década do século 21. O IBAS tornou-se uma importante plataforma de cooperação Sul-Sul e vê sua tarefa em três áreas - um fórum das instituições políticas e econômicas globais de reforma (contra a dominação ocidental)

- uma plataforma trilateral entre os três países em todas as principais áreas de cooperação tanto civis como militares

- e, por último, um espaço para novas formas de cooperação para o desenvolvimento com os países mais fracos do Terceiro Mundo (princípios da igualdade, da solidariedade, suplemento mútuo - contra as práticas anteriores dos doadores do “Consenso de Washington”).

O IBAS não demonstrou nenhuma estrutura organizacional hierárquica - isso significa na prática que é um trabalho com menos consistência, mas ao mesmo tempo

com uma maior flexibilidade. Com a inclusão da África do Sul no grupo BRIC (Abril de 2011) muitos pensaram ser uma fusão entre o IBAS e os BRICS. No entanto, Índia, Brasil e África do Sul se posicionaram como defensores da democracia (liberal, dos direitos humanos e os aspectos inovadores de cooperação Sul-Sul) estão emergindo como países opostos aos outros membros do grupo BRICS: China e Rússia. Vê-se como tendência que os três países buscarão em questões financeiras e de desenvolvimento a nível mundial os países BRICS como parceiros, ao mesmo tempo os temas de governança democrática e a segurança serão desenvolvidas mais na organização do IBAS. Enquanto, por exemplo, os três parceiros tentam conseguir assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU, a Rússia e a China estão tentando evitar exatamente isso. Desde então há convergências entre IBAS e BRICS simplesmente pelo feito que o pessoal político e altos funcionários se veem regularmente nas duas organizações. No entanto, em nossa opinião, o IBAS não deve desaparecer como uma forma de organização independente.

A cooperação entre Índia, Brasil e África do Sul levou a uma multiplicação do volume do comércio trilateral e em 2015 este comércio será superior a 25.000 milhões de dólares. Mas ao mesmo tempo, este só representa uma pequena proporção do comércio total dos três países, especialmente em comparação com o comércio muito mais importante com a China. No entanto, o Fundo IBAS obteve um grande reconhecimento. Outra história de sucesso é realizada a cada dois anos como o IBSAMAR⁹, um exercício conjunto naval com estratégias de segurança trilateral (por exemplo, o combate à pirataria e a coordenação de operações de segurança das três marinhas no Oceano Índico). O IBAS é, certamente, um elemento importante de uma maior cooperação Sul-Sul que está mudando cada vez mais o peso na geopolítica internacional.

Referências

ASH, Timothy Garton. *Europa avanza sonámbula hacia el declive*. 22 may. 2010. Disponible en: <<http://www.caffereggio.net/2010/05/22/europa-avanza-sonambula-hacia-el-declive-de-timothy-garton-ash-en-el-pais/>>. Acceso en: 17 nov. 2015.

⁸ Veja o jornal argentino Página 12: Cumbre de los BRICS en Fortaleza" Hacia una nueva arquitectura financiera global.

⁹ Mais detalhes sobre o IBSAMAR se encontram em Pereira, 2013.

BOSCH, Servaas Van Den. *¿IBSA, BRICS o ambos?* El dilema de África austral. 24 mar. 2011. Disponible en: <<http://www.ipsnoticias.net/2011/03/ibsa-brics-o-ambos-el-dilema-de-africa-austral/>>. Acceso en: 17 nov. 2015.

DANGLIN, François Danglin. *Cooperação Sul-Sul e diplomacia tricontinental.* *Le Monde Diplomatique*, 1 fev; 2011. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=875>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

DEEN, Thalif. *Brasil impulsa cooperación Sur-Sur.* 19 ago. 2011a. Disponible en: <<http://www.ipsnoticias.net/2011/08/brasil-impulsa-cooperacion-sur-sur/>>. Acceso en: 17 Nov. 2015.

DEEN, Thalif. *Siria: IBSA busca incidir en diplomacia mundial.* 11 ago. 2011b. Disponível em: <<http://www.ipsnoticias.net/2011/08/siria-ibsa-busca-incidir-en-diplomacia-mundial/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

FERNANDES, Elieti Biques. O fórum de diálogo IBAS sob uma perspectiva teórico-conceitual. *Século XXI*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 117-138, jul./dez. 2012.

GLOBAL Trade Atlas. 2000. Available in: <http://www.gtis.com/english/GTIS_GTA.html>. Access: 17 nov. 2015.

GRATIUS, Susanne. *India, Brasil y Sudáfrica: lecciones de la cumbre de Nueva Delhi.* Oct. 2008. Disponible en: <<http://fride.org/proyecto/3/ibsa:-india,-brasil,-sudafrica>>. Acceso en: 17 Nov. 2015.

HACIA una nueva arquitectura financiera global. *Página 12.* Buenos Aires, 15 jul. 2014. Disponible en: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/ultimas/20-250804-2014-07-15.html>>. Acceso en: 17 nov. 2015.

LECHINI, Gladys. IBSA: una opción de cooperación Sur-Sur. In: GIRON, Alicia; CORREA, Eugenia (Coord.). *Del sur hacia el norte: economía política del orden económico internacional emergente.* Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 271-285.

O'NEILL, Jim. *Building better global economic BRICs.* New York: Goldman Sachs, 30 set. 2001. (Global Economics Paper, n. 66).

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. O Atlântico Sul, a África Austral e o Brasil: cooperação e desenvolvimento. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 33-47, jul./dez. 2013.

PÉREZ, Carlota. La modernización industrial en América Latina y la herencia de la sustitución de importaciones, México. *Comercio Exterior*, México, v. 46, n. 5, p. 347-363, mayo 1996.

SOULE-KOHNDU, Folashadé. *The India-Brazil-South Africa forum a decade on: mismatched partners or the rise of the south?* Oxford: University of Oxford, nov. 2013. (GEG Working Paper 2013/88).

WOOLFHEY, Sean. *The IBSA dialogue forum ten years on: examining IBSA cooperation on trade.* August 2013. Available in: <<http://www.tralac.org/files/2013/08/S13TB052013-Woolfrey-IBSA-Dialogue-Forum-ten-years-on-20130827-fin.pdf>>. Access: 17 nov. 2015.